

REALIDADE FUNDAMENTAL: A CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO DE 1º A 5º ANO NA ESCOLA ANTONIO DILSON FERNANDES (TERESINA-PI)

Lorena Raquel de Alencar Sales de Moraes, graduanda em Pedagogia- UFPI

Jucyanne e Silva Ibiapina, graduanda em Pedagogia- UFPI

Enayde Fernandes Silva, graduanda em Pedagogia- UFPI

RESUMO

O presente artigo é resultado de uma pesquisa de campo realizada para a disciplina de Teoria de Currículo e Sociedade no intuito de compreender como é construído o currículo nas escolas de ensino fundamental, no caso tratado do 1º ao 5º ano. No contexto atual, faz-se necessário conhecer quais os princípios e diretrizes que norteiam o processo de construção do currículo para que possamos entender que a prática pedagógica em sala de aula é direcionada e não apenas experimental devido ao cotidiano. O trabalho ocorreu por meio de observação e entrevista realizada com profissionais da educação responsáveis e/ou diretamente ligados à construção curricular de uma instituição de ensino. Os aportes teóricos que sustentam a discussão são dentre outros, os estudos de Freire (2007), Pacheco (2005), Moreira e Candau (1995). Compreendemos que há limites na execução do currículo que vão desde o planejamento do que a escola vai trabalhar a ação pedagógica realizada pelos professores.

Palavras-chave: Educação; Currículo; Emancipação Pedagógica.

1. Introdução

Atualmente, muito se tem discutido sobre currículo: as formas de criá-los, conteúdos que deve abordar e até mesmo que sociedade ele deve servir, entretanto, tratando-se de escola e do currículo oculto, percebemos que tal discussão ainda está longe de um fim e mostra-se bem mais complexa do que se imaginava. Falar dessa instituição é falar em diversidade, antagonismos e, obviamente e já tão batido, disputa de classes. Sistemas digladiam o poder e a liderança dos rumos da educação. Novos paradigmas são suprimidos pelo tradicionalismo e alimentam a esperança de uma educação que realmente supra as necessidades da sociedade e faça a diferença ao unir teoria, prática e vivência cotidiana do alunado.

A pesquisa a seguir foi realizada com o objetivo de tentar compreender como ocorre o processo de construção do currículo de uma escola, especificamente ensino fundamental I, da periferia da cidade de Teresina, uma vez que segundo Pacheco (2005, p.37):

“[...] currículo define-se como um projecto, cujo processo de construção e desenvolvimento é interactivo e abarca várias dimensões, implicando unidade, continuidade e interdependência entre o que se decide em nível de plano normativo, ou oficial, e em nível de plano real, ou do processo de ensino-aprendizagem.”

É nesta perspectiva que desenvolveu-se este trabalho, no sentido de que o currículo não é algo inacabado e imutável, que antes de ditar, deve direccionar, dialogar e, acima de tudo, refletir a democracia que busca pregar. Por muito tempo perdurou a ideia de que ele deveria ser seguido à risca e quem não se adaptasse a ele, deveria ser descartado e excluído, mas as questões das minorias e da diversidade levantadas por vários movimentos principalmente após a década de 70 fizeram com que um novo olhar foi lançado sobre a questão escolar.

Inicialmente a pesquisa seria realizada em uma outra escola, mas devido ao fato de a escola ter apenas uma professora efetiva que não se encontrava no dia, optou-se por outra cuja familiaridade com o quadro de funcionários era bem maior devido o grupo ter realizado outros trabalhos no mesmo lugar. A entrevista foi feita com a professora Socorro, coordenadora pedagógica da escola, formada em Pedagogia e com a professora Aurenice Pinheiro, mestre, em dois dias.

1. Breves Considerações

Pensar em uma escola como agente de mudanças e o Estado em suas responsabilidades perante a sociedade é ter esperança de uma educação de qualidade para todos. Para tornar este sonho algo possível e concreto é necessário analisar o currículo escolar pois este, de acordo com sua maneira de elaboração, afeta visivelmente o desenvolvimento dos alunos.

O currículo deve ir de encontro com a realidade social, cultural e histórica da comunidade em que está inserido, onde deve ser pensado frente aos desafios de se ensinar a todos levando-se em consideração as diferenças tanto de aprendizagem quanto de cultura. A LDB (Lei de Diretrizes e Base), defende a flexibilização do currículo, de acordo com os interesses da comunidade, assim como os PCNs (Planos Curriculares Nacionais), que auxiliam todas as disciplinas a serem trabalhadas dependendo do grau de ensino.

A escola em que foi realizada a pesquisa a seguir, além de oferecer do 1º ao 9º ano do ensino fundamental regular diurnamente, oferece também a modalidade da

educação de jovens e adultos – EJA - à noite. É uma escola municipal, identificada como Antonio Dílson Fernandes, localizada na Rua Alferes Deodato da Costa Veloso, nº 243, no Bairro São Joaquim, zona norte de Teresina, no Estado do Piauí. Encontra-se em uma comunidade visivelmente carente onde atende cerca de 564 (quinhentos e sessenta e quatro) alunos de ensino fundamental, a partir de uma estrutura com 10 (dez) salas, uma quadra, cantina, secretaria e um razoável espaço de recreação para as crianças. Logo abaixo na tabela 01, se percebe a totalidade e a comparação entre, a demanda de alunos da escola onde realizou-se a pesquisa com demanda considerada como média a todas as escolas do município, estado e do país, percebendo dessa forma uma considerável diferença, seguida de uma notável superlotação de alunos na escola citada aos resultados gerais recomendados para o município.

Tabela 01

		Escola	Cidade	Estado	Brasil
Total de Alunos	Infantil	0	130	29	58
	Fundamental	564	346	98	209
	Médio	0	382	272	385

Fonte: Usuários Melhor Escola. Net, ENEM 2011 e Censo 2011-INEP.

As atividades educacionais da Escola Municipal Antônio Dílson Fernandes iniciaram em 1994 com apenas 05 (cinco) salas de aula. Em sua organização existe um Projeto Político-Pedagógico construído e fundamentado assim como as demais escolas e os conteúdos ministrados na escola fazem referências às diretrizes curriculares do município de Teresina, onde a coordenadora pedagógica, afirma que o currículo por ser baseado nas diretrizes é acompanhado a partir da formulação dos professores da rede municipal, não havendo dessa forma uma participação direta dos funcionários da própria escola. Fazendo-se refletir a respeito da seguinte questão: onde a realidade dos educandos está inserida, na elaboração do currículo de forma sistematicamente geral, como se todos ao mesmo tempo fossem iguais, mas diferentes? Um desafio a ser discutido e pensado, pois, desta forma, precisa-se pensar em uma reconstrução do currículo, que não haverá contradições na aprendizagem e nem mesmo em sua cultura aplicada onde esta aplicada.

3. A visão curricular do (a) gestor (a)

Quando uma escola é montada, com ela devem existir todas as estratégias de ensino-aprendizagem, como por exemplo o PPP (Plano Político Pedagógico) que deve ser trabalhado no início do ano, através da conhecida semana pedagógica, e desenvolvidos pela escola ao longo do ano letivo, levando em consideração a que tipo de público a escola irá atender, quais as estruturas da mesma e muitas outras características que irão moldar o perfil desta instituição. A escola em que foi realizada a pesquisa, adota os critérios utilizados na definição dos conteúdos que são as diretrizes curriculares, como já foi afirmado anteriormente, mas a gestora acrescentou que além das diretrizes que baseiam-se, é considerada também o nível da turma diagnosticado pelo próprio professor e, ressaltou ainda a questão dos projetos desenvolvidos na escola e que consideram as necessidades do contexto dos alunos e da comunidade, elaborados a partir de assuntos considerados relevantes, fundamentais e atuais. Desta forma, como sugerem Moreira e Candau (1995, p.21):

“Entendemos relevância, então, como o potencial que o currículo possui de tornar as pessoas capazes de compreender o papel que devem ter na mudança de seus contextos imediatos e da sociedade em geral, bem como de ajudá-las a adquirir os conhecimentos e as habilidades necessárias para que isso aconteça.”

Dessa forma percebe-se que o professor apesar de não contribuir para a elaboração do currículo instituído, é um grande agente transformador na sala de aula construindo o currículo oculto que está diretamente relacionado à aprendizagem do aluno na íntegra, não sendo assim descrito nas diretrizes curriculares consideradas universais. A coordenadora afirma que no currículo, tratando-se dos conteúdos relacionados a necessidade sociocultural dos alunos ministrados dentro da sala de aula torna-se relativo pois, a escola dá autonomia ao professor, que decidirá se em suas abordagens utilizará ou não a metodologia para recomendada pelo PPP, e pelas diretrizes para facilitar no processo aprendizagem dos alunos. Valendo ressaltar, mais uma vez, a importância do professor e das suas atitudes em sala de aula para com alunos que encontram-se num processo de insegurança e incertezas pelas influências culturais, e as perspectivas que são impostas a eles pela sociedade.

Ser professor é ser um elemento decisivo na sala de aula, pois através de sua abordagem pessoal proporciona o clima, com um estado de ânimo diário que dita o tempo, a metodologia, a relação e o próprio desenvolvimento do aluno. O professor possui o poder de tornar a vida de uma criança pobre de conhecimento ou cheia de alegria, pode ser um

instrumento de martírio ou de inspiração, pode humilhar ou alegrar, ferir ou cicatrizar, é a sua atitude que determinará se será bem ou mal conduzida onde, desta forma, uma criança poderá se tornar um indivíduo humanizado ou criar uma dicotomia entre o conhecimento e os alunos, que encontram-se em uma fase que precisa ser guiada e auxiliada, através da atitude dos professores dentro da própria sala de aula. A tabela 02, mostra a quantidade de horas-aula que a escola oferece aos alunos em relação às outras esferas, o que leva a perceber um ligeiro atraso em relação as escolas de todo o Brasil, possuindo um média menor que as demais em relação a hora de aula oferecida aos alunos:

Tabela 02

		Escola	Cidade	Estado	Brasil
Horas de Aula	Infantil	-	4,1	19,7	5,1
	Fundamental	4,0	4,1	4,0	4,2
	Médio	-	3,7	4,0	4,1

Fonte: Usuários Melhor Escola. Net, ENEM 2011 e Censo 2011-INEP.

Um questionamento levantado na pesquisa é se a escola desenvolve outras atividades educativas além das aulas regulares, a gestora afirmou bem empolgada que são desenvolvidos na escola vários projetos, tal como Lagoas do Norte; Conhecendo a Identidade Nordestina; Ontem e Hoje; Conservação do Patrimônio Público, entre outros, que são desenvolvidos com as turmas, buscado uma aprendizagem humanística de cidadania e de indivíduo social, mostrando assim os direitos e deveres das crianças além de ressaltar a cultura da comunidade em que os alunos estão inseridos, contextualizando os conteúdos através da interdisciplinaridade ensinando a importância dos seus valores. Paulo Freire (1997) já dizia que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Nessa afirmação, se percebe a importância da contextualização do mundo, da cultura, da sociedade em que o indivíduo está inserido para o desenvolvimento do processo aprendizagem mais eficaz e significativo, pois esse conhecimento tornar-se – á útil na vida destes alunos. Por meio da tabela 03, pode-se notar que este aspecto contribui e muito para a diminuição das taxas de reprovação, que possui uma média menor que as demais escolas que oferecem o mesmo grau de ensino, o fundamental, ressaltando a importância da contextualização da realidade na hora da aprendizagem mais significativa:

Tabela 03

		Escola	Cidade	Estado	Brasil
Taxa de	Fundamental	10%	12,6%	16,1%	12,0%
Reprovação	Médio	-	13,3%	9,2%	12,5%

Fonte: Usuários Melhor Escola. Net, ENEM 2011 e Censo 2011-INEP.

A diversidade cultural na escola municipal Antonio Dílson Fernandes, está sendo trabalhada na forma de projetos e na interdisciplinaridade dos professores nas salas de aulas, afirmou a gestora, onde foi percebido também com a conversa dos alunos que essa diversidade em forma de identidades e situações em que se encontravam, a exemplo disso tem-se, duas alunas (irmãs) com quem foi articulada uma conversa, relataram que sua mãe não tem condição de comprar a farda porque o pai é usuário de drogas e rouba o dinheiro que a mãe consegue receber pelo trabalho desvalorizado da limpeza de casas e roupas, e que moravam em uma casa com péssimas condições de moradia. Tudo isso se fez perceber a importância da escola, do professor e do currículo escolar para esses alunos que se encontram desamparados perante as autoridades políticas e a sociedade.

Se entendermos o currículo, como propõe Williams (1984), como escolha que fazem em vasto leque de possibilidades, ou seja, como uma *seleção de cultura*, podemos concebê-lo, também, como conjunto de práticas que produzem significados. [...]. O currículo representa, assim, um conjunto de práticas que propiciam a produção, a circulação e o consumo de significados no espaço social e que contribuem, intensamente, para a construção de identidades sociais e culturais. (MOREIRA; CANDAU, 1995, p. 28)

Apesar do pouco tempo de pesquisa e de atuação da própria gestora na escola, que se encontrava atarefada e, respondeu de forma objetiva e sintética afirmando que todos os professores estavam bem preparados pois, possuíam curso superior e pós-graduação (levantando a seguinte questão, será mesmo que isso é o suficiente para a garantia de uma educação de qualidade?), e afirmou ainda que o principal desafio que a escola enfrenta é a falta de apoio do sistema e Secretaria que rege a escola bem como a falta de investimento. A partir disso pode-se concluir que além do desafio da elaboração do currículo escolar existem inúmeras dificuldades enfrentadas por parte dos professores, gestores e também não menos importante, os alunos, a quem está voltada toda essa discussão e pesquisa.

4. A visão curricular segundo o professor (a)

Depois de três tentativas frustradas, conseguiu-se entrevista com uma professora da escola, devido a greve e a falta de professores, infelizmente o e-mail por ela mandado estava corrompido e até o presente momento não conseguiu-se retorno, sendo assim, entrevistou-se a professora Silvania de Castro da Escola Municipal Benjamim Soares de Carvalho que é especialista em Educação e leciona há 06 (seis anos) na área.

Ela relatou que não há muito que se fazer já que o currículo não é “construído” uma vez que as diretrizes curriculares do município já determinam muito o que se deve ser realizado, a participação dos professores acontece em uma conversa com a pedagoga e com os docentes da mesma turma para selecionar os conteúdos a serem abordados. Neste momento, eles levam em consideração o que os alunos precisam aprender, ocorrendo uma adequação à realidade dos mesmos e aos projetos desenvolvidos pela escola. Às vezes, a escola também analisa propostas de projetos desenvolvidos pela SEMEC como o “Leitura na Praça” que foi avaliado e considerado importante para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem das crianças daquela comunidade, para a realização do mesmo, há uma pessoa específica que uma vez por semana, durante um horário, leva as crianças para o pátio, em um ambiente arborizado e com banquinhos para que elas leiam títulos existentes na biblioteca da escola. Neste sentido, podemos deduzir que:

O professor, antes visto como o agente principal do processo de ensino-aprendizagem – ao lado do aluno –, vê seu papel social diminuir diante das novas lógicas de mercado inserido no ambiente escolar. A busca desenfreada pela produção de uma mercadoria (neste caso, o aluno futura mão-de-obra) de forma mais rápida, mais barata e mais produtiva (e também mais submissa) faz com que o professor passe por um verdadeiro processo de alienação. Sob a desculpa da busca de uma “pseudo-qualidade” medida em números, seu trabalho sofre uma brutal intervenção; o docente é obrigado, por meio de diversos mecanismos, a abrir mão da elaboração autônoma de suas aulas, e adotar conteúdos e normas prontas, construídas por sujeitos externos ao ambiente no qual se dá a educação. Em outros termos, o professor torna-se um simples cumpridor de tarefas, um tarefeiro; uma máquina que tem como papel apenas apertar mais um parafuso em uma cadeia produtiva. (DINIZ, 2013)

A professora relatou que a escola trabalha pouco a questão dos tipos de cultura e que sente falta, por exemplo, de trabalhar a cultura africana e que considera isso

importante para o enriquecimento dos alunos e ressaltou também a questão da discriminação que é pouco debatida, “os alunos sabem, por exemplo, o que é o *bullying*, mas não passa disso”. Quando perguntamos sobre outros projetos realizados, ela respondeu que a escola tem parceria com a Faculdade Santo Agostinho cujos alunos desenvolvem com a comunidade escolar, atividades relacionadas à saúde, alimentação e higiene, por exemplo.

Quanto aos desafios a serem enfrentados, ela falou que um dos maiores a ser transposto, é a questão da influência da família, segundo Moreira (2007, p.29), “o complexo, variado e conflituoso cenário cultural em que estamos imersos se reflete no que ocorre em nossas salas de aula, afetando sensivelmente o trabalho pedagógico que nelas se processa”. Em seu depoimento, ela contou o caso de um aluno que não é chamado pelo nome pelos colegas devido aos seus traços orientais, é chamado de “Jackie Chan” e que chamou uma mãe de um dos seus colegas que insistia em chama-lo assim para conversar, assim que ela chegou foi logo perguntando precipitadamente “o que o Jackie Chan fez ao meu filho agora?” sem dar-se conta que estava causando um desequilíbrio na relação entre os próprios aluno através do seu “mal exemplo”, contribuindo para o desenvolvimento do *bullying* na escola, sem medir sequer as consequências de tal ato. Comentou também que a dificuldade dos professores não é lidar com as diferenças culturais, mas sim com a inclusão dos alunos com necessidades especiais e, para isso, eles contam com todo o apoio da coordenação.

Ela acredita que o currículo para o ensino fundamental I não deve ser único já que escolas da mesma região têm realidades e situações diferentes, há crianças que não conseguem se adequar ao currículo já pronto exigindo assim uma readequação do mesmo, mas sugere que o currículo deste nível escolar deveria ser bem mais elaborado, levando em consideração todos os aspectos importantes para o aluno, não somente na visão do livro didático, mas na visão da sua própria realidade de vida. Desta forma percebe-se um necessidade da contextualizando desse currículo além de auxiliar os professores que ainda não estão preparados para tal mudança se tratando da metodologia utilizada na sala de aula , através da capacitações ou projetos que sejam realizados dentro das escolas que mostram-se vulneráveis ao fracasso por conta da inflexibilidade e limitação do currículo que baseado em tais escolas.

5. Considerações

Compreendemos com base no trabalho realizado que muito ainda precisa ser feito para abordar a realidade que tanto é mencionada em discursos como a inclusão, diversidade, contextualização e a interdisciplinaridade, pois as diretrizes curriculares municipais em que são baseados os métodos de muitas escolas no nosso município auxiliam de fato, mas o professor não tem que se manter preso a mesma, é necessária uma reelaboração do currículo que se manifeste de forma flexível, constante e ilimitado, levando em consideração também os elementos ocultos que não são mencionados e que de fato contribuem para a formação e desenvolvimento dos alunos dentro da escola, que formem além dos métodos conteudista e passe a ser tratado como um currículo humanista para a formação também de cidadãos que se tornem um ser crítico e social.

A questão do currículo é, de fato, muito complexa, afinal, não tratamos apenas dos professores, mais também dos alunos, dos gestores, dos pais. Há resistência por parte dos docentes, pois eles possuem autonomia, mas que muitas vezes não conseguem realizar “a ponte” entre o conteúdo do livro didático, a realidade e a diretriz, daí ressalva-se a importância da capacitação dos docentes se para a realização dessa “ponte” que precisa ser estabelecida. Muitos levam em consideração apenas “o manual”, mas esquecem-se de que há um currículo construído nas entrelinhas. Percebemos assim, a relevância do papel do professor, é na sala de aula que ele tem maior contato com o objeto do currículo, se ele não desempenha bem esse papel, os alunos podem se desmotivar, ainda mais no contexto social da escola em que realizamos a pesquisa, onde muitas vezes, saem mais cedo das suas responsabilidades escolares para trabalhar, manter o seu sustento e o de sua família, desta forma pretende-se aqui impulsionar uma reflexão através de questionamentos atuais e irrelevantes a tal assunto. Como por exemplo: por que o nosso currículo escolar esta voltado para a formação de alunos reprodutores e acríticos, se percebe em discursos por parte dos próprios professores, de que a educação atual é emancipadora? Até quando nossos alunos continuaram sendo produtos de um processo contraditório e sem perspectiva de mudanças? De que forma deve ser realizar essa mudança? Talvez sejam questionamentos complexos, porém necessários, e por outro lado a atitude, por parte do próprio professor em sala de aula para contextualizar a realidade desses alunos de forma que o conteúdo se torne útil em suas vidas , motivando-os a ficar e não desistir de si mesmos. O currículo não deve só nortear, mas que dê motivos de permanência e visão de crescimento.

Há muitos discursos que contrariam a questão curricular que não param por aqui, como, pregar em sala de aula a emancipação, a livre expressão se, infelizmente, estamos "enlatados" pelo tradicionalismo? Fazendo da educação "receita pronta" e culpando o currículo que não dá brechas, uma vez que o sistema não é o único responsável pela não mudança, pois esse impulsionamento provém de uma coletividade que forma o contexto escolar. Está mais provado que são os professores juntamente com a comunidade que constroem o currículo, que definem que tipos de pessoas querem formar e não só uma parcela da sociedade, mas antes de implementar tais ideias e plantá-las, é preciso ser fruto delas, antes de libertar, é preciso emancipar-se. E emancipar-se pressupõe unir as pessoas e contextualizar a realidade e cultura desses alunos.

6. Referências

DINIZ, Carlos. **Educação Enlatada: a alienação do trabalho chegando às salas de aulas**. Disponível em <<http://blogconvergencia.org/blogconvergencia/?p=1184>> Acesso em 19 mar de 2013.

Escola Municipal Antônio Dilson Fernandes. Disponível em <<http://www.melhorescola.net/escola/escola-municipal-antonio-dilson-fernandes#resumo>> Acesso em 18 mar de 2013.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Currículo, conhecimento e cultura. In: _____ **Indagações sobre o currículo**. Brasília: 2007.p.17- 46.

SANTOS, Lucíola. A construção do currículo: seleção do conhecimento escolar. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação à Distância. **Currículo Conhecimento e Cultura**. Salto para o Futuro. Boletim 06, Brasília, abril, 2009.

SEMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura). **Diretrizes Curriculares do Município de Teresina**. 2008.

FREIRE, Paulo.